

ANDRÉ MIDANI
CIA. BRASILEIRA DE DISCOS

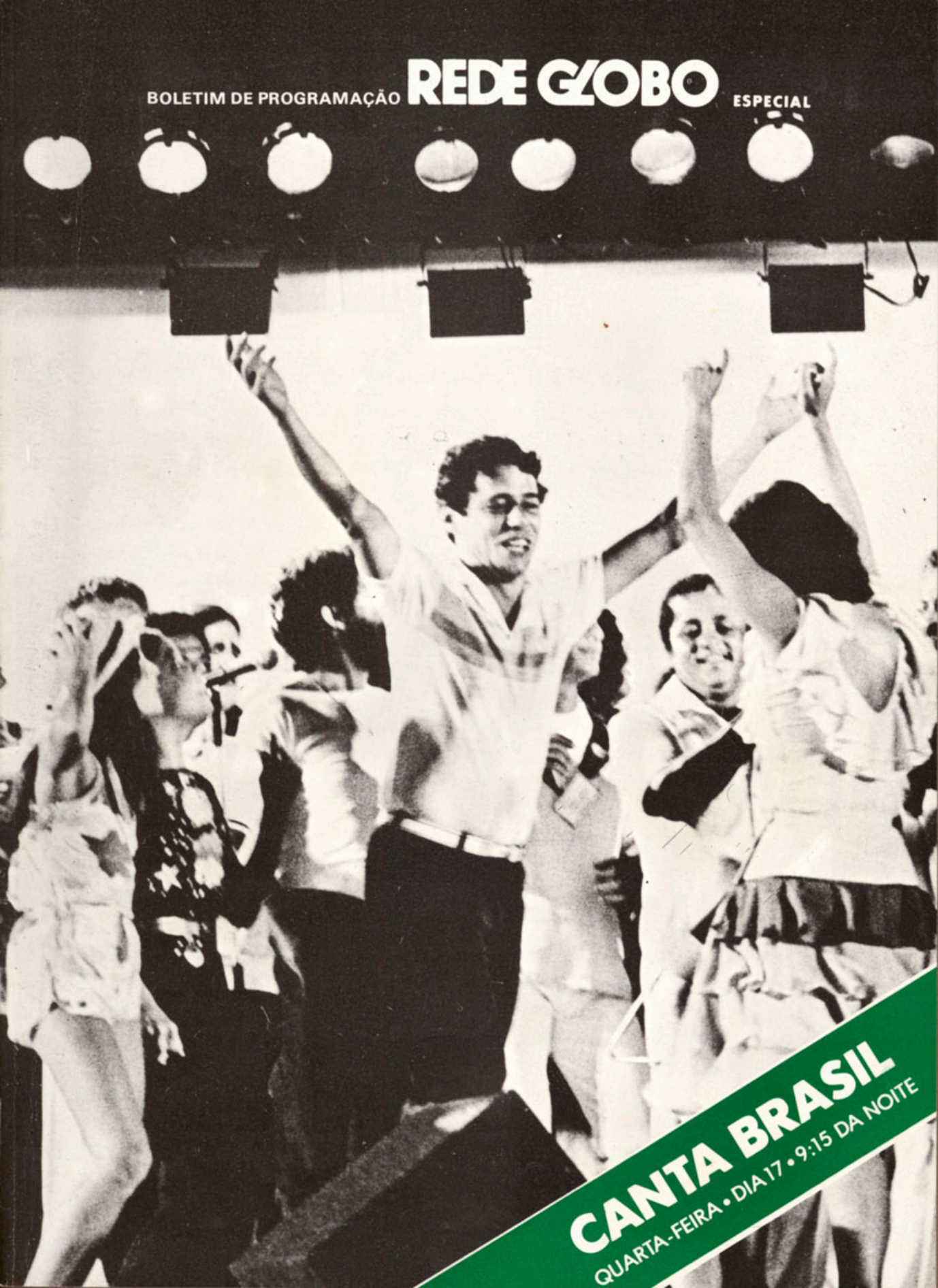
RIO DE JANEIRO
TEL. 52-6195



Para o programa *Canta Brasil* foram selecionadas as seguintes músicas:

Foi um Rio Que Passou em Minha Vida - Paulinho da Viola
Bate Coração - Elba Ramalho
Começar de Novo - Ivan Lins
~~*Canção da América*~~ e *Maria Maria* - Milton Nascimento
A Lua - MPB 4
Seleção de músicas de Vinicius e Toquinho - Toquinho
Laranja da China - Nara Leão
Seduzir - Djavan
~~*Tô Voltando*~~ e *Caminhando* - Simone
Eu Também Quero Beijar - Pepeu
Telúrica - Baby Consuelo
Vassourinha - Moraes Moreira
Fanatismo - Fagner
E Vamos à Luta - Gonzaguinha
O Que Será - Chico Buarque
Piruetas - Chico Buarque, Renato Aragão e coro
O Bêbado e a Equilibrista e ~~*Rancho da Goiabada*~~ - João Bosco
~~*Morena de Angola*~~ e *Portela na Avenida* - Clara Nunes
Festa do Interior - Moraes Moreira e todo o elenco

BOLETIM DE PROGRAMAÇÃO **REDE GLOBO** ESPECIAL



CANTA BRASIL
QUARTA-FEIRA • DIA 17 • 9:15 DA NOITE



CANTA BRASIL

Até Afonsinho, jogador de futebol calejado pela experiência de muitas agitadas e concorridas decisões de campeonatos, reconheceu que a noite do último dia 7 de fevereiro, no Estádio do Morumbi, em São Paulo, teve a capacidade de superar todas essas emoções. Pudera! Ali, durante quase quatro horas, se reuniu um time insuperável da Música Popular Brasileira, no maior espetáculo em espaço livre já realizado pela cultura nativa. Maior em tudo, desde o local ocupado ao público presente, cujas estimativas oscilam entre 100 mil pessoas, as mais pessimistas, a 130 mil, para os eufóricos. Do elenco de atrações - que, apesar de poucos e inevitáveis desfalques, não merece o menor reparo - à qualidade técnica do espetáculo. Maior.

Dez dias depois de ser saboreado pela incontável massa que ocupou todos os cantos do Morumbi, *Canta Brasil* chega ao vídeo, num especial de duas horas de duração, que começa a ser exibido a partir das 21h10m desta quarta-feira, dia 17. Do espetáculo, resultaram cerca de 60 horas gravadas de fitas de vt, além de outras tantas de material jornalístico. Elas registram todos os momentos de todas as áreas mobilizadas pelo show, desde a sua concepção até o grande carnaval que agitou o estádio, quando já se iniciava a segunda-feira, dia 8, e todo o elenco e equipe do espetáculo dançavam e comemoravam no palco, ao som de *Canta Brasil*, de Alcyr Pires Vermelho e David Nasser, e iluminados por uma intensa e ininterrupta queima de fogos, que chegou a formar o título do show. Todos esses momentos estarão no vídeo, condensados nas duas horas do programa que tem supervisão geral de Aloysio Legey, direção artística de Oswaldo Loureiro, direção de Ricardo Leitão e Maurício Tavares, edição de Beto Mariano, som de Antonio Faya e Emiliano Costa Netto, iluminação de Peter Gasper e cenários de Mário Monteiro.



"Gente, eu nunca vi nada parecido!"

(Paulinho da Viola)

Canta Brasil não chega a ser um projeto novo. Há quase dois anos, ou até mais, um grupo de artistas tenta organizar um espetáculo com essa proposta. Mas o próprio Chico Buarque, um dos idealizadores, chegou a afirmar que, para isso, seria peça fundamental a utilização de todos os recursos técnicos e promocionais existentes no país.

A conjunção aconteceu agora e o resultado valeu: um espetáculo tecnicamente irrepreensível, absolutamente profissional, perfeito mas com um conteúdo de calor, entusiasmo e até amadorismo, no que o amadorismo tem de paixão pelo próprio trabalho.

- Essa é uma opinião unânime - diz Legey -, de todas as pessoas envolvidas com o espetáculo. Os artistas disseram que nunca participaram de um show com o carisma do *Canta Brasil*. Tu do deu certo, tudo funcionou, tudo saiu de acordo com as previsões. E olha que, praticamente, não houve ensaio. Fizemos uma passada rápida poucas horas antes do show, cada um apresentando apenas uma música.

Canta Brasil estava marcado para o sábado, dia 6. Mas choveu em São Paulo como nunca. Depois de um início de semana promissor, a noite de quarta-feira, dia 3, nubiu e a água começou a cair, cada vez mais forte, para se tornar calamitosa no sábado, quando a cidade enfrentou uma de suas piores enchentes. Nem todas as tentativas e toda a disposição de artistas e equipe foram suficientes. As 17 horas do sábado, o show foi adiado para o dia seguinte e começaram a entrar no ar chamadas garantindo a realização do *Canta Brasil*.



"É uma festa! É uma alegria! Canta, Brasil!"

(Elba Ramalho)

Com as chuvas, nada pôde ser testado. Luz, som, e equipamentos, finalização dos cenários, tudo parou esperando as mínimas condições meteorológicas, o que só aconteceu na madrugada de domingo, quando os trabalhos foram intensificados no Morumbi. Só aí, Peter Gasper conseguiu testar os 400 mil watts utilizados na iluminação do palco e platéia.

- O trabalho mais difícil era o de iluminar a platéia - explica Peter. Nunca havíamos conseguido isso. Sempre que se fazia uma boa iluminação dessa área, a luz acabava ofuscando e inibindo as pessoas. Com a ajuda da Phillips, responsável pela iluminação do Morumbi, e o trabalho de 10 funcionários da Globo e de 40 de cinco firmas especializadas, modificamos todo o esquema das quatro torres de luz do estádio e, além disso, usamos gelatinas especiais de filtro. No palco, mesmo com o pouco tempo que tivemos para testes, o resultado saiu melhor do que no show do Frank Sinatra no Maracanã. É importante destacar que a iluminação ajudou a mostrar que, no Morumbi, não houve apenas um show no palco, mas um grande espetáculo, com a participação de mais de 100 mil pessoas, criando um clima impressionante.

Só depois das chuvas, já no domingo, é que se fizeram os ajustes de som. Num espetáculo com 18 atrações, o normal é que cada um pudesse gastar o tempo que achasse melhor para acertar microfones, caixas de som, retornos. Ainda mais ao ar livre, quando o som se transforma, em geral, num amontoado de reverberações, ecos, chiados, apitos e os mais variados ruídos, que repartem o estrelato com a voz do intérprete. Como diz Oswaldo Loureiro, "um grande espetáculo de música brasileira, ao ar livre, é sempre asso-



ciado a uma incrível falta de recursos técnicos. O que não se compreende, já que dispomos deles."

"Isso é uma maravilha!"

(Ivan Lins)

Os detalhes técnicos se traduzem em quatro mesas de som, com 192 canais de microfone, registrando o som ambiente, o som para a televisão e o retorno para o palco. Trinta mil watts de potência, 140 caixas de som, 80 amplificadores e uma equipe de 15 técnicos, coordenada por Antonio Faya e Emiliano Costa, com o apoio de equipamento da Transasom.

- Nós poderíamos ficar falando sobre muitos detalhes técnicos - diz Faya. Mas o mais importante, para mim, é que esse foi o maior evento de que já participei nos meus 17 anos de Globo. E olha que eu já participei diretamente de todos os grandes eventos da empresa. A nata da MPB estava no Morumbi. Não só intérpretes, mas também compositores. É uma coisa louca falar isso, mas, caso houvesse um acidente com os ônibus que conduziram estas pessoas ao estádio, a música brasileira teria que começar uma nova fase. Tirando três ou quatro nomes que não puderam comparecer, as principais figuras da MPB estavam presentes no palco ou na platéia.

Estio, poucos mas existentes testes, o movimento dos camarins armados no Morumbi começou pouco depois das 18 horas do dia 7, com a chegada dos primeiros ônibus ao estádio. No entra-sai, artistas afinavam instrumentos, repassavam as letras das músicas, sem bis, sem estender as apresentações, para haver ritmo e igualdade na apresentação para um público que desde às 4 da tarde ocupava as acomodações do Morumbi.



"Mas isso é muito bom. A gente tem que fazer outros."

(Milton Nascimento)

Quase tudo já se disse sobre as quase quatro horas de *Canta Brasil*. Agora, o programa do dia 17 vai mostrar. E não a penas as emoções do palco, onde todos os artistas choraram diante do deslumbre pelas repetidas explosões da platéia, pela dimensão do próprio trabalho, tornada mais paipável dessa maneira. O especial de televisão, segundo Legey, "tem a intenção de dar uma visão de tudo o que acontece dentro e fora do palco durante um show." Para isso, 11 câmeras se encarregaram de cobrir todas as áreas do Morumbi, acopladas a três Unidades Móveis. Elas registraram tudo. Do palco aos bastidores e à platéia. Acompanharam e conduziram os artistas até o palco, mostrando a emoção que eles sentiam, como o momento em que Fagner reza, antes de sua apresentação, ou os exercícios de relaxamento de Simone. Enfim, como acontece esse enfrentamento generoso com uma platéia de mais de 100 mil pessoas. Registraram a própria platéia, para onde se deslocou uma das Unidades Móveis, dirigida por Maurício Tavares. Registraram, obviamente, o palco.

- É uma festa de rua - diz Loureiro. Criamos um espetáculo que conjugasse a apresentação ao vivo com o programa de televisão. E ousamos muito. De início, tiramos a figura do apresentador, que é uma informação sempre radiofônica, meio incompatível com o clima do espetáculo. A participação de cada artista foi marcada por vinhetas musicais, com um curto pout-pourri de seus sucessos, e reforçada pelo extraordinário cenário do Mário Monteiro, do qual descem enormes painéis com retratos em alto-contraste do rosto do artista que vai se apresentar, antecipando a sua entrada no palco.



"Eu achei fantástico. O som estava perfeito. Coisa de doido. Eu não imaginava".

(Troca de figurinha de Milton, Aquiles, Rui e Magro: MPB-4)

Oswaldo Loureiro, além da direção artística, se encarregou do roteiro do espetáculo, aberto por Paulinho da Viola e encerrado por Clara Nunes. Entre eles, o canto de Elba Ramalho, agitando a platéia no frevo; de Ivan Lins, piano, tensão e muita animação; Milton Nascimento, chorando e atônito com a explosão do coro e dos muitos aplausos; MPB-4, que trouxe a lua no exato momento em que o conjunto cantava *A Lua*; Toquinho, juntando o público para uma homenagem a Vinicius de Moraes; Nara Leão, surpreendendo ao dançar no palco, enquanto a platéia reforçava o coro de *Laranja da China*; Djavan, como um menino simples e saudado entusiasmamente; Simone, estrela absoluta da noite, aclamada inúmeras vezes; Pepeu, no seu ovation louco, comemorando o aniversário no palco; Baby Consuelo, incendiando na música e num discurso sobre o amor e a paz; Moraes Moreira, vassoura elétrica que recolocou o frevo no Morumbi; Fagner, outro coro de sentimento em *Fanatismo*; Gonzaguinha, mais um samba para o Morumbi, acreditando na rapaziada; Chico Buarque, sempre um mestre para delírio da platéia, sozinho ou acompanhado pelo imperdível Renato Aragão e um coro infanto-juvenil na deliciosa *Piñuetas*; e João Bosco, outro momento de intensa emoção para a platéia, ele próprio, artistas e equipe.

Essa extensa lista, na sua distribuição, tem uma lógica garantida por Loureiro.

- A idéia do roteiro foi a de confirmar o poderio da música brasileira - ele explica. E essa força foi comprovada. Optei por abrir com Paulinho da Viola e encerrar com a Clara porque são dois profissionais ligados ao samba. Esse ritmo brasileiríssimo, abrindo o espetáculo, deu a certeza imediata ao público de que



o que acontecia ali era *Canta Brasil* mesmo. Esse foi o espírito marcado já no início do espetáculo, com o Paulinho entrando no palco no meio de um bloco, como um desfile que vem vindo. Imediatamente, o público compreendeu o que era aquela festa. Daí, partimos para as várias manifestações musicais. E foi uma festa sempre, festa de grande massa que, no fim, voltou às raízes, ao samba da Clara.

"Isso é uma coisa muito boa, que a gente tem que repetir."

(Toquinho)

No acompanhar cada detalhe do espetáculo, que é a proposta do programa, a abertura de *Canta Brasil* mostra um minidocumentário com cerca de quatro minutos, texto de Maurício Tavares e narração de Dirceu Rabello. São imagens mais jornalísticas, da criação e montagem dos cenários, ajuste dos equipamentos, as chuvas, a primeira tentativa de ensaio, o adiamento, a saída dos artistas nos ônibus, entrevistas curtas. As imagens e o texto acompanham toda a trajetória do espetáculo até o momento em que ele começa.

Esse minidocumentário vem sendo gravado desde o nascimento do projeto, em janeiro, com um caráter bem jornalístico. Mas, mesmo dentro do programa, quando se inicia o show, permanece ainda o sentido documental, com imagens de bastidores e platéia se entremeando às do palco. Com isso, se reforça, no vídeo, a força da presença física do artista num espetáculo.

"Foi bom? Eu achei incrível."

(Nara Leão)

Mas, nas gigantescas dimensões do Morumbi - o maior estádio de São Paulo e o segundo maior do Brasil -, as atrações



em nenhum momento se limitaram aos 450 m² do palco, por onde passou a maioria dos nomes que formam a linha de frente da música brasileira. Se a intenção era a de realizar ali uma grande festa popular, a tal manifestação musicada de que fala Oswaldo Loureiro, não há dúvida de que ela foi plenamente satisfeita.

Ainda que os cálculos oscilem, eles não são inferiores a 100 mil, ao se projetar o número de pessoas que estiveram no Morumbi ocupando arquibancadas, tribuna, cadeiras, gerais e grama-do, admirando e sendo admiradas. Uma platéia que se transformou em atração definitiva do espetáculo tão logo um escolado e ao mesmo tempo deslumbrado Paulinho da Viola subiu ao palco, ao som de *Foi Um Rio Que Passou em Minha Vida*, acompanhado de seu regional e um conjunto de samba.

Essa massa humana - que o empresário Marcos Lázaro afirmou chegar a 120 mil - disse presente em alguns dos momentos mais emocionantes de *Canta Brasil*, registrados por uma Unidade Móvel dirigida por Maurício Tavares, especialmente ocupada em captar o que o público tinha a oferecer enquanto atração.

No resultado final do programa que vai ao ar nesta quarta-feira, o público, além de participar em aplausos, ovações e acompanhando as músicas, divide a responsabilidade por pelo menos duas dessas que se transformam em passagens inesquecíveis da MPB, justamente ao se unir ao palco e, transcendendo, homenagear não apenas os que cantavam, mas também Geraldo Vandré e Elis Regina que, por motivos diferentes, não participaram da festa. Seria, certamente, o caso de constatar que é de toda forma impossível repassar esses momentos, a não ser com os óbvios e contundentes recursos de imagens e som, como as câmeras registraram, fundindo palco e platéia.

Primeiro Simone, de branco, violão em punho, fazendo força para cantar em prantos o seu último número, *Pra Não Dizer Que Não Falei de Flores*, mal segurando a emoção de ser acompanhada



por um imenso, único, nítido e forte coro de tantas mil pessoas, todas de mãos dadas, braços para o alto. De certa forma, repetia-se e ampliava-se o coro que o próprio Vandrê ouviu no Festival da Canção Popular, em 1968, alguns anos antes de interromper a sua produção musical e optar pela advocacia. No Maracanãzinho, foram perto de 30 mil pessoas. No Morumbi, mais de 100 mil, levando Simone a, num trecho da música, se interromper para deixar que o público cantasse só e coletivamente o refrão: "Vem, vamos embora/que esperar não é saber/Quem sabe faz a hora/não espera acontecer."

"Eu não acredito. Isso é lindo."

(Simone)

Mais tarde, João Bosco, entrando no palco sem os painéis apresentarem seu rosto e antecipando ao público: "Olha, essa é uma noite de festa, um espetáculo muito bonito, e eu gostaria que vocês cantassem comigo essa música". Seria *O Bêbado e a Equilibrista*, transformado em hino de todo o país por Elis Regina, cujo retrato aparecia no painel, ao som desse enorme coro, que quase abafava a voz de Bosco. Elis, que já vinha sendo homenageada pela plateia - onde pontificavam faixas com seu nome e se multiplicavam camisetas com seu rosto - teve ainda uma das maiores ovações da noite, ao fim da música, quando os aplausos se misturaram aos gritos de aclamação: "Elis, Elis, Elis."

Essa incontável massa foi, ao mesmo tempo, temor e glória de toda a noite. Sem exceção, todos os artistas passaram pelo susto de ter que enfrentá-la, sentiram a tentação de subir logo ao palco, choraram e se emocionaram com as ovações e experimentaram a sensação de um momento absurdamente gratificante.



O cuidado das câmeras na relação público, platéia e bastidores foi exatamente o de captar esses climas que movimentaram o espetáculo *Canta Brasil*. Não apenas registrar, mas, acima disso, "sentir" junto, para que esse momento pudesse ser repassado para o vídeo, na exibição do programa.

Na direção de Ricardo Leitão e Maurício Tavares, as câmeras foram buscar exatamente o momento do medo de Milton Nascimento ainda nos bastidores, a tensão de Ivan Lins se aquecendo como um jogador ao entrar no estádio, as explosões de alegria no palco e na saída, já de volta aos bastidores. São imagens que abrem e encerram cada apresentação, dando a exata dimensão do que acontece no Estádio do Morumbi, naquela noite de domingo, 7 de fevereiro, quando até o céu se abriu e a lua fez questão de aparecer, no mesmo instante em que o MPB-4 cantava *A Lua*.

Esse conjunto do espetáculo está condensado nas duas horas do especial para a TV, sem qualquer prejuízo para o telespectador, que não seja o de que, por questões de tempo, alguns números ele deixará de ouvir.

"Essa é uma noite telúrica! Parabéns... gatão demais!"

(Baby Consueio, para Pepeu e para a platéia)

O clima de festa, marcado pelas quatro horas de espetáculo e reproduzido no programa, culmina num imenso carnaval, animando platéia e palco no mesmo pique. Logo depois de Clara Nunes, Moraes Moreira volta ao microfone para comandar um *Festa do Interior*, que proporcionou um dos momentos mais impensados da história da MPB. Conhecidos e reconhecidos como dois dos mais tímidos artistas, Chico Buarque e Nara Leão explodem num frevo rasgado, en-



saiando passos, pulando carnaval no melhor estilo folião. Uma brincadeira, é claro, mas absolutamente imperdível para quem conhece um pouco dos dois e que bem dá a idéia do clima geral.

Junto com *Festa do Interior*, reunindo no palco todo o elenco do espetáculo, uma queima de fogos - entre eles a sequência que escreve no céu *Canta Brasil* -, resume a festa popular que foi o show. Para encerrar na música de Pires Vermelho e Nasser.

- Choveu, não pudemos ensaiar, foi um corre-corre louco - diz Legey. Mas talvez todas essas dificuldades tenham feito com que a gente partisse para realizar esse show ainda com mais garra. E isso foi fundamental para a concretização do espetáculo. Posso garantir que somente o know-how e a garra das equipes transformaram em realidade os esquemas previamente elaborados. Não fosse pela tenacidade de todos os profissionais ligados à produção e realização do espetáculo, *Canta Brasil* teria continuado na base da promessa, do desejo e do sonho.

Ficha Técnica

Mais de 200 profissionais participaram da realização de *Canta Brasil*, entre funcionários da Rede Globo do Rio e São Paulo; da Showmar, promotora do evento; da Transasom e de firmas especializadas em iluminação, além de profissionais ligados aos artistas e de várias gravadoras.

Canta Brasil tem supervisão geral de Aioísio Legey, direção de cena de Oswaldo Loureiro, direção de Ricardo Leitão, coreografia de Maurício Tavares, equipe de som dirigida por Antonio Faya e Emiliano Costa, iluminação de Peter Gasper, cenários de Mário Monteiro, direção de TV de Alexandre Brás (Rio) e Edy Newton e Toninho Romeu (São Paulo), produção de Ivan Rocha e Armando Barroso, assistência de produção de Jorge Ramos e edição de Beto Mariano.

EXPEDIENTE

Diretor-Editor: Luis Lara Resende
Chefe de Redação: Graça Lago
Redação: Manoel Carlos Jr., Paulo S. Carneiro,
Regina Gonçalves de Almeida, Tânia
Carvalho, Jayme Faria Rocha e Beatriz
Radunsky
Revisão: José Hildemar de Souza
Produtor Gráfico: Robson Roberto Gomes
Secretária: Clara Landolfi
Arte: Agência da Casa
Estados:
São Paulo — Eduardo Della Colleta e
Eunice Di Giarmo

Rua Gabriel dos Santos, 196.
Tel. 826-8222 R. 221/391
Recife — Edson Bezerra
Morro do Peludo s/n.
Ouro Preto — Olinda — PE
Tel. 429-3255 R. 233
Belo Horizonte — João Barbosa
R. Rio de Janeiro, 1279 — Tel. 222-8700
Brasília — Laudemir Ferreira
Av. W 3 Norte, Setor de Rádio e TV
Norte, Bloco A — Tel. 225-9020 R. 268

Impresso pela São de Publicações e Divulgação
Rua Corcovado 252, Rio. Tel. 294-7732 R. 2718/2307
Departamento de Comunicação — Rede Globo